

PERSPECTIVAS DA IMPRENSA MÉDICA NO BRASIL

Ítalo Suassuna *

O levantamento dos problemas da imprensa médica no Brasil seria o passo inicial necessário para estabelecerem-se as perspectivas que pudessem fundamentar o seu progresso. A respeito dos periódicos brasileiros, infelizmente não se dispõe de uma análise global, a qual, no entanto, é parte de um levantamento realizado sob os auspícios da União Pan-Americana (1) em 1962, sobre publicações científicas e técnicas da América Latina. Essa análise corresponde a 950 revistas científicas sendo que um pouco mais da metade (51%) relaciona-se com as ciências médicas, enquanto que apenas 3 países — o Brasil (26%), a Argentina (20%) e o México (13%) — contribuem com quase 60 por cento do total de revistas.

No conjunto analisado verifica-se que 74% das revistas incluem relatos originais, se bem que, em muitos casos, apenas um ou dois artigos por número. Trinta (30) por cento das revistas possuem menos de 50 páginas por número e apenas 1/3 do número total apresenta um índice por volume. Sobre êsse aspecto, é comentado que “a preparação de índices é um dos processos que exigem mais técnica e maiores custos em uma revista, pelo que, a baixa proporção das que atendem a êsse requisito, reflete, sem dúvida, os orçamentos reduzidos e as limitações dos corpos de redação de muitas delas”.

Se bem possa ser comprovado que o inglês tornou-se a língua predominante nas comunicações científicas em biologia, e que

junto ao francês e ao alemão correspondem a mais de 75% entre 3 500 periódicos de biologia (2) verifica-se que 99% das publicações latino-americanas são feitas em um só idioma, obviamente o espanhol ou o português, os quais, segundo informações disponíveis para os Estados Unidos, apenas 11% dos homens de ciência confessam conhecer (2). Noventa (90) por cento das revistas latino-americanas pertencem a uma instituição, pelo que justifica-se que 44% só aceitam contribuições dos membros das organizações a que pertencem. Irregularidades e atrasos de publicação são surpreendidas em mais de 1/4 das revistas mensais, mas também padecem das mesmas irregularidades as publicações anuais. No estudo em que vimos colhendo êstes dados (1) comenta-se que, de forma característica, o corpo de redação desses periódicos é extremamente reduzido: seleção, correção de artigos e outras funções editoriais, cabem a professores e homens de ciência em tempo livre e amíúde gratuitamente. Assim sendo, já não pode causar espanto que apenas 2/5 das revistas latino-americanas sejam consideradas por, ao menos, um dos serviços internacionais de índices e resumos sendo menos de 1/10 as que alcançam ser consideradas por 3 serviços dessa ordem. Sob êsse aspecto a situação apresenta-se de maior gravidade em relação a revistas médicas, que perfazendo 51 por cento do total de revistas analisadas, possuem apenas 38 por cento daquelas que são consideradas nos índices bibliográficos internacionais.

* Professor de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aos problemas dos percentuais de má-qualidade, entre as revistas que existem ou subsistem, somam-se também aqueles derivados da falta de continuidade. Um exemplo dos mais significativos nos é dado pela "Acta Médica Venezuelana" (3) que analisando a situação particular do seu país, apresenta uma lista de 140 revistas científicas ali editadas, das quais apenas 9 (nove) conseguiram subsistir até 1961. Acreditamos que de igual modo, em nosso país, se alguém se desse ao mesmo trabalho, verificaria que o número de periódicos extintos ou nati-mortos existente, implica na criação de uma verdadeira arqueologia de publicações médico-científicas.

A resultante dos aspectos negativos acima apontados é que o pensamento médico e científico do resto do mundo praticamente ignora o que se produz no Brasil e na América Latina, embora classifique-se o Brasil em 9.º lugar, e a Argentina em 13.º, entre as vinte principais nações que contribuem para a literatura biológica do mundo, segundo um levantamento realizado através o "Biological Abstracts" (2). De fato, é referido pela Organização Sanitária Pan-Americana, que, em um período de quatro anos, entre 12.000 artigos sumariados pelas revistas especializadas da Europa, nenhum artigo publicado na América Latina foi considerado.

Essa análise sumária de aspectos sombrios e pouco satisfatórios das publicações técnico-científicas da América Latina, que todavia, têm sido predominante e caracteristicamente médico-biológica (2), vem a impor que a imprensa médica no Brasil passe a ser encarada sob a perspectiva de um *imperativo coletivo* de afirmação nacional, com significado econômico, e até mesmo estratégico, além do seu óbvio valor cultural. Não pode, conseqüentemente, ser considerada na dependência de afirmações personalistas como seu mero instrumento e produto eventual.

A concretização desse objetivo, acima das contingências de grupos ou pessoas mais interessadas, embora freqüentemente não bem orientadas, é no entanto difícil, se atentarmos para o que parece ser a história natural do desenvolvimento da maioria dos periódicos médicos no Brasil. Essa história reflete muitas das má-forma-

ções ou disfunções congênitas, cuja correção pode ser prevista.

Deixando de lado os casos extremos, no Brasil, no comum dos casos, a revista nasce de um "grupo". Isso até parece recomendável, a não ser pelo fato de que de início, e *a posteriori*, só a esse grupo representa. A qualidade de que pode ser dotada tende a se esgotar após o esforço extremo de um parto laborioso. Nesse particular não há sentido ou substância em que se separem aquelas publicações, que são maioria, e que nascem sob a égide de uma organização oficial. Essas, também particularizam um grupo, e, se menos sujeitas a dispersivas em matéria, ou a passarem a viver de reimpressões, resumos ou traduções, caem também na má substância por esgotamento, nas tiragens limitadas, no atraso sobre a data prevista de publicação (fenômeno caracteristicamente latino-americano) e, sobretudo, na precariedade do suporte financeiro, subordinado ao interesse espasmódico de diretores ou dirigentes. De qualquer modo, o amadorismo subjacente nas atividades editoriais, tanto de grupos oficiais como dos que podem ser ditos independentes, levam, com freqüência, a que as principais tarefas passem às mãos de funcionários ou pessoas pouco qualificadas para essa função especializada, isto quando deixam de ser atendidas apenas pelas horas esparsas, de um tempo escasso, do pessoal de atividade científica ou profissional. Não se conceberia, hoje, uma biblioteca dirigida e organizada por amadores ou orientada na sobra de tempo dos diretores de instituições, mas, essa é exatamente a atitude em matéria editorial, não menos complexa sem dúvida que a biblioteconomia.

Tenta-se justificar o predomínio de revistas médicas, entre outras publicações científicas na América Latina, ora pelo fato de que a profissão médica tem sido um motivo de honra durante gerações (1) ora pelas tradições humanísticas de sua cultura (2). O que não está dito, por necessitar talvez uma maior penetração psicológica na nossa mentalidade eminentemente individualista, é que o vínculo com uma publicação, por mais carente de qualificações que possa ser a mesma, adquiriu um sentido de aparente promoção, que só ra-

ramente não tende a ser superestimado. A carreira universitária, computando número de "trabalhos", antes que a sua qualidade, tem muito a haver com essa atitude.

Voltando à história de nossas publicações, com o aparecimento do primeiro ou dos primeiros números, a revista procura prosseguir por convite e insistência. Para tanto faz concessões ao estilo, à apresentação e à qualidade do seu conteúdo, se não se incluía, ainda, na categoria dos nati-mortos, que já fazem essas concessões ao nascer. Desinteressam-se por essa revista os autores que tenham uma observação ou experimentação original, bem como os assinantes que tenham um interesse além do mero dilettantismo. Autores e assinantes que vêm na comunicação científica uma imperiosa condicionante do progresso profissional, tendem a ser seletivos, e buscam as informações de que se nutrem em revistas que não as diluem, entre notas de "atualidades" ou de divulgações anônimas; entre resumos, pouco acima, se tanto, dos maus sumários das apostilas estudantis; entre conferência ou excertos de intermináveis teses de um dos professores do grupo. E aqui surge outra semente de desgaste. Convida-se a integrar o corpo ou o conselho de redação, um número de "figurões". Esses, por definição, quando a iniciativa não lhes é própria, aceitam as honras mas não repartem a sua glória. Uma revista destinada a toda a América Latina, no campo da Microbiologia, organizou um conselho de redação "formado por prestigiados microbiólogos latino-americanos" e a consequência, na declaração expressa de um dos seus últimos editores responsáveis é de que este "ha sido um rotundo fracasso" (4).

Diante da repetição de histórias como essa, impõe-se-nos a segunda perspectiva, qual seja a de reconhecer que o desenvolvimento científico e as aplicações tecnológicas extravasam fronteiras e vem a gerar em todos os países situações novas. Isso obriga ao abandono de algumas das nossas tradições ou à sua reformulação, como índices negativos, que são, do nosso desenvolvimento. A imprensa médica, como qualquer outra deve ser encarada, hoje, como atividade nitidamente empresarial, estudando e disputando mercados,

eficiente e não suicida. A sua única diferenciação válida de outra imprensa, é o seu campo específico de conhecimentos e interesses profissionais, a cujo serviço deve estar em busca do desenvolvimento e dos melhores padrões científicos, antes que descambando para a vulgarização e o interesse exclusivamente comercial.

Um cálculo, uma estimativa, ou simplesmente uma idéia sobre o número provável de contribuintes de manuscritos e outras matérias editoriais, bem como do público a que possam as mesmas interessar, é a primeira etapa, em geral não atendida, no empreendimento de uma revista. Não se chega a apreciar, que se existe a necessidade de revistas "gerais" do ponto de vista médico, nem tantas, nem tôdas o poderão ser. E, se existem revistas por especialidade, é pouco provável que cada uma dessas especialidades consinta a multiplicidade que parece ocorrer em alguns casos. Poucas e bem estruturadas revistas, com tiragem suficiente, devem substituir a pleora de publicações de má apresentação, tiragem limitada, interesse restrito e irregularidade de aparecimento. Ao contrário do que se tende a fazer, não se cria ou estimula uma revista, para concorrer com outros grupos profissionais ou pessoas, mas para veicular conhecimentos onde exista um público profissional numeroso e não suficientemente atendido. Como já foi demonstrado que a maioria de nossas publicações têm como "editores" instituições oficiais ou profissionais, seria melhor que estas se orientassem em contratar a publicação de seus trabalhos em revistas já existentes, e do padrão técnico o mais favorável, dentro do campo que correspondesse ao seu setor profissional, a fim de evitar a pulverização da informação científica e o enfraquecimento da atividade editorial.

Somando-se os esforços em torno de um número mais reduzido de publicações — a fim de estimular-lhes a qualidade — dá-se ainda um passo em direção a outro item cujo atendimento é irrecorrível: a existência de um esquema financeiro definido. Assim amplia-se a lista de assinantes e se prestigia a publicação entre anunciantes sem a necessidade de compromissos com a matéria paga menos desejável, qual seja, a que sendo verdadeira pro-

paganda comercial, insere-se, sub-repticiamente, como matéria editorial, a desmoralizar tantas publicações.

Nas instituições oficiais não se pode admitir um sólido esquema financeiro, quando este aparece como uma cota de auxílio para um único exercício, ou como o compromisso de um diretor, e limitado à publicação de matéria de sua exclusiva produção. Em função de um corpo editorial competente, mas, sobretudo independente, há que abrir as portas a quaisquer comunicações originais, avaliando a qualidade do artigo, não só para o âmbito local, mas também, para o mercado internacional. Dentro dos propósitos assim amplos, em função de uma estratégia de difusão cultural, o Conselho de Pesquisas do Canadá estabeleceu o exemplo do que pode ser feito com o suporte oficial para a manutenção da qualidade e, conseqüentemente, do êxito de uma série de publicações científicas, hoje tôdas de renome internacional.

Apoiado na viabilidade de um esquema financeiro, um corpo editorial ou um conselho de redação independente e de alto padrão técnico-científico pode ter um significado que se estende além dos limites do destino de uma revista. De fato, este comitê realiza uma avaliação da qualidade, e do peso ou da pertinência das publicações que autoriza, o que pode repercutir como uma qualificação, ou destaque, para os autores e serviços responsáveis pela matéria relatada. Como ocorre em outros países a aceitação de manuscritos em revistas que exercitam extrema vigilância sobre a qualidade de sua matéria editorial, poderia passar a índice indireto da qualidade do trabalho científico e universitário, eventualmente chegando a valer mais, mesmo para o administrador leigo, que um sem número de títulos inócuos.

Uma necessidade inadiável para os propósitos de uma melhor imprensa médica corresponde à publicação de índices e re-

sumos bibliográficos em caráter periódico e contínuo. Possivelmente essa é uma tarefa que no nosso ambiente só a iniciativa ou a ajuda oficial poderiam levar a bom termo, pelos grandes investimentos que exige, pela natureza interdisciplinar, interessando a numerosas profissões, e porque, através do Conselho Nacional de Pesquisas e do seu Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (I.B.B.D.) já se dispõe dos possíveis mecanismos para a execução.

A última mudança prevista para os propósitos da boa imprensa médica implica no abandono das tentativas de improvisação e amadorismo na gerência de uma revista. Exige-se uma receita e um orçamento previstos, com medidas para correção do seu equilíbrio, em que entram gastos de expedição, rapidez de atendimentos, conquistas de mercados, além de óbvios gastos editoriais. O corpo de redação não pode ser extemporaneamente vinculado, mas comprometido em bases de operação e eficiência. Há que se atentar aos padrões editoriais internacionais, ensejando-se o emprêgo de línguas de maior difusão científica, a confecção de índices por volume, a inserção obrigatória de sumários e, até mesmo, os cuidados com a escolha de nomes de artigos, a fim de facilitar a sua inclusão nos processos eletrônicos de levantamento de dados bibliográficos. Exigente quanto à qualidade da contribuição científica, o corpo de redação deve, no entanto, suprir ajuda a autores que o mereçam, mas que sejam, porém, mesmo avisados quanto a êsses aspectos formais da imprensa científica.

Êsses caminhos parecem difíceis, unicamente por implicarem, em alguns casos, na mudança de mentalidade e de algumas tradições culturais, mas, a julgar pelo que progressivamente vem ocorrendo em tantos outros países, será difícil também, que êsses caminhos nos possamos afastar no ambiente brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

1. *Division de Fomento Científico y Centro de Documentación Científica y Técnica de México*. Guía de Publicaciones Periódicas Científicas y Técnicas de América Latina. Una Lista Anotada. Union Panamericana, Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos. Washington D.C., 1962.

2. *Conrad, G. M.* — Symposium on Information Science, III. Changing patterns of scientific periodical publication. *Bacteriol. Rev.* 29: 523-544, 1965.
3. *Editorial.* Opiniones sobre las revistas científicas y técnicas latinoamericanas. *Acta Med. Venezuel.*, 11: 299-308, 1964.
4. *Advisory Committee on Medical Research.* Annex to a survey of selected primary biomedical periodical publications in Latin America (3rd. meeting). Pan American Health Organization, Washington, D.C., 1964.

REGULAMENTO DO PRÊMIO GERHARD DOMAGK

Art. 1º — O prêmio Gerhard Domagk é oferecido anualmente a partir de 1963, pela A CHIMICA "BAYER" S.A. em comemoração do centenário da fundação da **FARBENFABRIKEN BAYER AG.**, de Leverkusen, Alemanha, ao autor ou autores do melhor trabalho sobre temas de medicina tropical (Doenças Infecciosas e Parasitárias, de Nutrição, Fisiologia e Higiene Tropicais), uma vez que o mesmo satisfaça às exigências deste Regulamento.

Art. 2º — Concorrerão ao referido prêmio todos os trabalhos publicados na **REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL** durante o ano anterior.

Art. 3º — O prêmio constará de uma importância em dinheiro, estipulada anualmente, e de uma medalha com o respectivo diploma assinado pelo Presidente e Secretário-Geral da Sociedade. No caso de trabalho em colaboração, o prêmio em dinheiro será conferido à equipe, porém cada um dos co-autores receberá uma medalha e um diploma, que mencionará ser o prêmio pertencente à equipe.

Art. 4º — Serão membros da Comissão Julgadora o Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, que a presidirá, e os integrantes do Conselho Consultivo da **REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL**.

Art. 5º — Cada membro da Comissão Julgadora indicará os 5 melhores trabalhos publicados durante o ano, sendo premiado aquele que obtiver maior número de votos. Caberá ao Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical a decisão final em caso de empate.

Art. 6º — A Comissão Julgadora deverá emitir seu parecer até a data do início do Congresso anual da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, quando o prêmio será entregue em sessão solene.

Art. 7º — Não caberá qualquer recurso ao parecer da Comissão Julgadora.

Art. 8º — O Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical será árbitro supremo para decidir as dúvidas surgidas na interpretação deste Regulamento ou resolver qualquer dificuldade em sua execução.